

# DIALOGUS

Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, 2007

ISSN 1808-4656



  
**Barão de Mauá**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO  
Ribeirão Preto - SP

# A CARTOGRAFIA ESCOLAR E A CONCEPÇÃO DE ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL\*

Andrea Coelho LASTÓRIA\*

**RESUMO:** Este artigo discute a inserção da cartografia no currículo da escola básica brasileira, apresenta diferentes concepções de Atlas e destaca a importância dos Atlas Escolares Municipais.

**PALAVRAS CHAVES:** cartografia escolar; atlas escolar; ensino de geografia.

## A cartografia escolar

A Cartografia Escolar<sup>1</sup> é uma área do conhecimento que se encontra em construção, tanto em âmbito científico quanto no âmbito escolar. No âmbito escolar, podemos observar que a Cartografia não consta no currículo oficial do ensino fundamental ou médio como uma disciplina. Ocorre que as noções cartográficas são ensinadas, em muitas escolas brasileiras, como um conteúdo curricular do programa de Geografia para as séries finais do ensino fundamental e médio. A *alfabetização cartográfica* (que deveria acontecer desde os anos iniciais do ensino fundamental) parece ser um enigma para muitos professores brasileiros.

---

\* Este texto está baseado numa parte do primeiro capítulo da Tese de Doutorado defendida pela autora no PPGE/UFSCar, em 2003. Título "Aprendizagem Profissional da docência: o projeto Atlas", sob orientação da Profa. Dra. Maria da Graça N. Mizukami.

\* Licenciada e Bacharel em Geografia. Licenciada em Pedagogia. Doutora em Educação pela UFSCar. Docente do Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, na Universidade de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Estudos da Localidade de Ribeirão Preto – ELO, ligado ao LAIFE / USP.

<sup>1</sup> A própria denominação desta área está sendo discutida pelos pesquisadores brasileiros. A denominação *Cartografia para crianças* também é utilizada por alguns segmentos.

Outra consideração importante é que os conteúdos cartográficos apresentam-se "descolados" dos demais, isto é, são listados juntamente com outras noções científicas a serem ensinadas. Como exemplo, citamos as noções astronômicas, as geológicas, dentre outras.

O Parâmetro Curricular Nacional para o ensino de Geografia menciona a importância da alfabetização cartográfica desde os anos iniciais da escolarização (ou seja, desde o chamado primeiro ciclo) em várias partes do documento. Como exemplo:

A imagem como representação também pode estar presente. Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria Geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso da linguagem cartográfica (p.129).

De quinta à oitava série, o documento explicita a Cartografia como um eixo temático para o terceiro ciclo do ensino fundamental. Sobre este aspecto, o parâmetro coloca a Cartografia enquanto instrumento na aproximação dos lugares e do mundo. Dentro deste eixo são destacadas três questões principais: a primeira relaciona-se à alfabetização cartográfica, a segunda diz respeito à leitura crítica e a terceira, ao mapeamento consciente. A Cartografia é destacada em tal documento como uma área necessária ao ensino da Geografia. Sobre este aspecto Maio (2001) coloca que:

[...] o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais funcionou como uma das fontes de inspiração para a proposição de um trabalho que pudesse contribuir para o ensino de cartografia e novas tecnologias associadas dentro do programa de geografia das escolas (p.254).

O PCN para o ensino de Geografia apresenta dois esquemas (propostos por SIMIELLI, 1997 e 2004) que mostram como os

professores podem caminhar com relação à alfabetização cartográfica na escola fundamental brasileira. Tais esquemas indicam que algumas noções concebidas como básicas na alfabetização cartográfica (visão oblíqua e visão vertical, imagem tridimensional e bidimensional, alfabeto cartográfico que se refere ao ponto, linha e área, legenda, proporção e escala, lateralidade, referências e orientação espacial), devem contribuir para a desmistificação da Cartografia como uma ciência que apenas propõe mapas acabados aos usuários. Ao contrário disto, a alfabetização cartográfica deve ocorrer num processo no qual os alunos consigam aprender a leitura crítica de mapas, cartas e plantas, ultrapassando a simples localização dos fenômenos estampados nos mapas, para se tornarem mapeadores conscientes que conseguem elaborar maquetes, croquis, mapas e outros, sabendo entender e optar por símbolos e pelas convenções cartográficas.

Consideramos a relevância da inclusão da Cartografia, enquanto um eixo temático do PCN, a ser desenvolvido no ensino fundamental. No entanto, concordamos com Almeida (2001) que chama a atenção para o fato de que tal eixo não aparece nos demais itens do documento. A não retomada deste eixo temático pode representar um perigo se se pretende evitar que a Cartografia Escolar seja cristalizada como um tópico isolado do conteúdo curricular de Geografia.

Almeida (2001a) entende que a Cartografia Escolar representa uma nova área de pesquisa. Apresentando o seguinte esquema, a autora relaciona três áreas principais do conhecimento, cujas interfaces fazem situar a Cartografia Escolar.

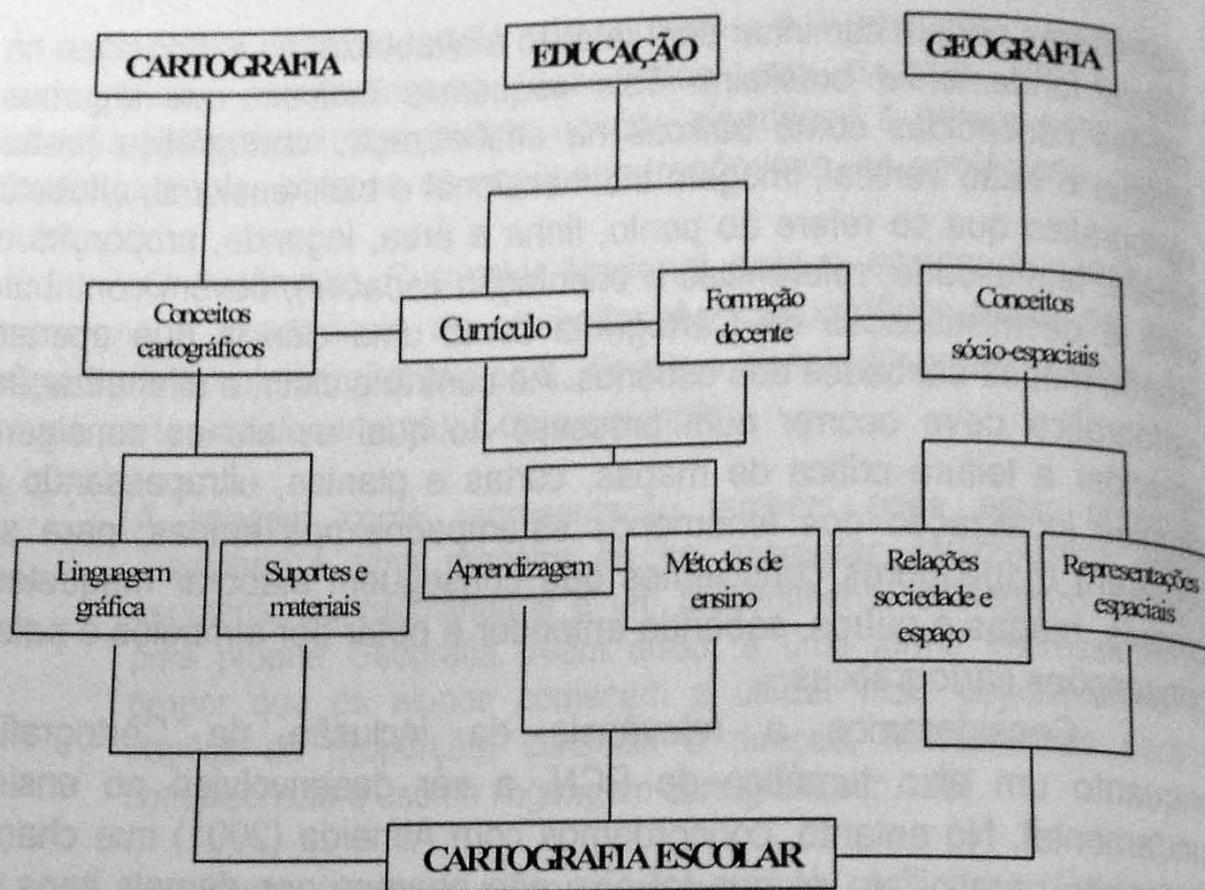


FIGURA 1: Diagrama – Cartografia escolar (ALMEIDA, 2001).

Observamos pelo esquema apresentado que a Cartografia (enquanto ciência que desenvolve conceitos cartográficos e utiliza a linguagem gráfica para representar espaços), a Educação (que se preocupa com o currículo e a formação de professores buscando desenvolver a aprendizagem através de métodos de ensino) e a Geografia (que se destina a focalizar os fenômenos sócio-espaciais através das relações da Sociedade com a Natureza, utilizando representações espaciais em suas análises) são tomadas como áreas articuladoras da Cartografia Escolar.

Diante do exposto, faz-se necessário considerar as críticas apresentadas por Rodriguez Lestegás (2000) a respeito da elaboração do conhecimento escolar e, mais especificamente, das relações entre tal conhecimento com o científico. Segundo o autor, o conceito de

transposição didática (CHEVALLARD, 1985) reduz de maneira substancial o funcionamento das instituições escolares, o pensamento dos professores e alunos, o processo de geração do conhecimento científico e a história das disciplinas escolares. Rodriguez Lestegás (2000) se opõe ao *mito*, que ele afirma ter sido perpetuado pela academia, sobre ser os conhecimentos escolares uma versão resumida dos saberes científicos de referência. O autor sugere que sejam consideradas as diferenças entre as ciências de referência e as disciplinas escolares, justificando que o saber escolar transforma o saber erudito e responde às próprias finalidades da instituição escolar, sendo, portanto, criações didáticas derivadas das necessidades do ensino e totalmente desvinculadas do conhecimento científico (p.110). Para completar tal concepção o autor coloca que:

[...] não existe um único saber erudito, disposto a ser transformado em saber escolar, mas sim, uma multiplicidade de saberes de referência que respondem a problemáticas e enfoques necessariamente plurais (p.111).

Rodriguez Lestegás (2000) propõe que a discussão sobre as origens do conhecimento geográfico escolar parta da retomada dos saberes escolares desde o processo de sua construção e institucionalização, considerando o conceito de cultura escolar e as considerações da própria Geografia Escolar. Entendemos que tal proposição pode ser considerada, também, em relação à Cartografia Escolar.

No âmbito científico, a Cartografia Escolar vem sendo discutida e apresentada no Brasil em vários eventos que visam, dentre outros objetivos, discutir as articulações entre o ensino de Geografia e a linguagem cartográfica, e ampliar o debate sobre as concepções e metodologias envolvidas na confecção de Atlas para crianças. Dentre os eventos, ocorreram na década de noventa, quatro colóquios de cartografia para crianças (em junho de 1995 foi em Rio Claro-SP, em novembro de 1996 foi em Belo Horizonte - MG, em julho de 1999 foi em

São Paulo-SP e em maio de 2001 foi em Maringá - PR). Juntamente com o último colóquio, ocorreu o I Fórum Latino Americano e, mais recentemente, em 2002, o I Simpósio Ibero Americano de Cartografia para Crianças no Rio de Janeiro - RJ. Neste último, objetivou-se reunir especialistas do Brasil e do exterior para discutir o desenvolvimento da Cartografia para crianças e escolares nos vários níveis de ensino; propor novas formas de participação de professores - pesquisadores frente às formas e às mudanças tecnológicas na representação do espaço e sua utilização; tornar acessível aos professores do ensino básico e médio instrumentais de análise teóricos - epistemológicos, metodológicos na análise das representações espaciais gráficas e cartográficas das crianças e das comunidades em suas práticas sociais. Neste simpósio discutiu-se, dentre outros eixos temáticos, a concepção e metodologia dos Atlas e, mais especificamente, dos Atlas escolares. Em outubro deste ano, juntamente com o 9º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia - ENPEG, ocorrerá o V Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares, a ser desenvolvido na Universidade Federal Fluminense – UFF, no Rio de Janeiro – R.J.

### **Concepções de atlas escolar**

A concepção de Atlas Escolar e, mais especificamente, a de Atlas Escolar Municipal (também denominado Atlas Escolar Local) é muito variada se considerarmos a origem e a diversidade destes materiais no Brasil.

Aguiar (1997) salienta que a produção de Atlas voltados para o ensino começou a se dar a partir do século XIX, quando a Geografia foi incluída nos currículos escolares. Desde o início, o uso de Atlas Escolares foi relacionado exclusivamente à Geografia, enquanto disciplina. Talvez seja por esta razão que os Atlas Escolares passaram a ser tomados, por muitos professores e alunos, como sinônimos de Atlas Geográficos. Sobre este aspecto, Felbeque (2001), resgatando definições do termo Atlas Escolar em dois dicionários especializados,

percebeu a grande ligação entre o Atlas Escolar e os programas e currículos de Geografia. A definição do termo "Atlas Escolar" encontrada no dicionário cartográfico de Cêurio de Oliveira (1993) é a seguinte: *Atlas temático para uso escolar, relativo aos programas de geografia.*

Para Felbeque (2001), as renovações nos currículos e nos programas de Geografia influenciam no surgimento de novos tipos de Atlas Escolares.

Le Sann (2001) também reforça que os elementos da Cartografia estão presentes nos programas de Geografia do ensino fundamental e que as mudanças nos programas escolares desta ciência, passaram a valorizar o aprendizado de habilidades para aquisição de competências específicas. Segundo a autora:

Os papéis do professor e dos alunos estão sofrendo uma mudança drástica. O professor não 'dá' mais (ou não deveria dar!) aula, incentiva e orienta o aluno no processo de aquisição de conhecimentos. Neste contexto, o Atlas geográfico tradicional passou a ser revalorizado, sendo percebido como um instrumento privilegiado para o ensino (p.131).

As mudanças relacionadas ao ensino da Geografia dizem respeito a várias posturas teórico-metodológicas que os docentes devem considerar para ensinar. Uma questão central que vem sendo revalorizada é a de que o professor deve partir da realidade local e ir estabelecendo relações com a realidade regional, estadual, nacional ou mesmo, global. Não se trata de buscar desencadear um processo linear ou concêntrico, mas sim de privilegiar o espaço local como fonte básica. Sobre este aspecto Almeida (2001a) salienta:

A necessidade de produção de materiais didáticos sobre o espaço local tem crescido na última década, de um lado, como consequência da mudança nas relações local-global, resultante do processo de globalização, e, de outro lado, devido ao destaque que as questões ambientais vêm assumindo, notadamente aquelas de caráter mais pontual (p.12).

A idéia de partir do estudo das localidades no ensino de Geografia fez surgir alguns novos materiais escolares. Dentre estes, figuram alguns *Atlas diferenciados*, ou seja, Atlas que não possuem como prioridade a representação de todas as partes da Terra. Almeida (2001a) destaca que até o século XVIII predominavam os *Atlas universais* (que abordavam todos os continentes do planeta) e que os *Atlas regionais* passaram a ser produzidos, no final do século XX, quando era necessário um conhecimento mais aprofundado dos territórios.

Aguiar (apud ALMEIDA, 2001a) coloca que no Brasil, o primeiro Atlas Escolar publicado foi o de Candido Mendes de Almeida, em 1868. Este era composto por mapas políticos para que as fronteiras do Império pudessem ser conhecidas e estudadas por todos.

Os Atlas escolares municipais começaram a surgir mais recentemente. Eles são diferentes dos Atlas escolares convencionais que, segundo Almeida (2001), restringem-se a apresentar mapas de abrangência regional ou mundial. A sua origem está ligada à necessidade de materiais didáticos que apresentassem representações espaciais em escalas maiores, ou seja, que permitem um maior detalhamento do uso e ocupação do solo. Almeida (2001a) destaca que há uma demanda crescente por materiais didáticos sobre o espaço local, porque os materiais didáticos disponíveis não retratam o lugar onde o aluno vive e, sim, adotam um 'local padrão' para representar todas as localidades do país.

Neste contexto, os Atlas Escolares Municipais são concebidos como materiais didáticos que focalizam os temas mais importantes de um município. Estes são apresentados em forma de textos, fotos, imagens de satélites, mapas monotemáticos ou com tipologias determinadas etc.

A professora Janine Gisèle Le Sann, coordenadora e autora de vários Atlas escolares municipais no Brasil, apresenta sua concepção sobre os mesmos, do seguinte modo:

O princípio básico que norteia todas as concepções dos Atlas Escolares Municipais é o fato de serem 'centrados no aprendizado do aluno. O espaço municipal é o objeto de estudo, porém, não é o objeto do Atlas. O objetivo principal é a construção de conceitos, saber-fazer (habilidades) e competências em Geografia, por parte do aluno (LE SANN, p.136).

Raisz (apud ALMEIDA, 2001) destaca que as funções dos Atlas Escolares baseiam-se no fornecimento de informação precisa, apresentação de mapas atraentes e de fácil entendimento. Já para Libault, segundo a mesma autora, os Atlas Escolares precisam possuir um estilo simplificado no qual se possa evidenciar as feições principais da paisagem física e humana. Acrescenta, ainda, que é necessário considerar o *grau de ensino* a que se destina. Silva (2001) também destaca a necessidade de se atentar para este aspecto:

Um Atlas escolar possui uma proposta de trabalho diferente, quando apresenta uma linguagem gráfica e conteúdos adequados ao nível de ensino a que se destina (p.153).

Almeida (2001) apresenta em sua tese de Livre Docência (2001) algumas recomendações, a partir de seus estudos sobre os principais pesquisadores da área, sobre o que se deve esperar de um Atlas Escolar Local. São elas:

- a produção de um Atlas tem uma finalidade, o que lhe confere um caráter 'intencional';
- um Atlas porta diferentes tipos de representação (mapas, gráficos, textos, fotografias, etc) devidamente organizados de modo a atender a sua finalidade;
- a cartografia de um Atlas escolar exige cuidados especiais: mapas monotemáticos ou com tipologias (MARTINELLI e FERREIRA, 1995 e 1997), escala grande e respeito aos princípios da Semiologia Gráfica;

- o recorte temático deve respeitar a proposta apresentada no currículo, bem como trazer o local em sua peculiaridade, com seus problemas e contradições, possibilitando reflexão e indicações de intervenção.

Destacamos que os Atlas Escolares Municipais destinam-se a apresentar aspectos de uma dada localidade através de uma linguagem acessível a uma certa população escolar. Almeida (2001) enfatiza que eles não devem ser produzidos apenas por especialistas, mas sim por uma equipe que envolva os professores da escola fundamental, já que o conhecimento de como os alunos aprendem, como os professores ensinam, como as práticas pedagógicas se desenvolvem, como as rotinas das escolas se constituem são de importância fundamental para as representações do conhecimento que deverão estar contempladas nos Atlas.

Os primeiros estudos sobre ensino de Cartografia foram realizados no final da década de 70, pela professora Dra. Livia de Oliveira, na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em Rio Claro – SP. A partir daí, a temática foi se intensificando com as pesquisas de professores nas diversas regiões brasileiras. Os recentes trabalhos de Oliveira (2003 e 2006), Lastória (2002, 2003 e 2006), Gonçalves (2006 e 2007), Cazetta (2002, 2003 e 2006) são exemplos que se situam nas interfaces das áreas de Educação, Geografia, História e Cartografia. Tais trabalhos apontam novos caminhos para as práticas escolares brasileiras.

Sobre atlas escolar, mapas digitais e práticas pedagógicas espanholas com mapas, destacam-se as importantes pesquisas coordenadas pela professora PIÑEIRO PELETEIRO (1997, 1998, 2001, 2002), na Universidad de Oviedo.

A construção de Atlas Escolares, propriamente dita, envolve uma tarefa pouco desenvolvida no Brasil que vem tomando vulto atualmente. Sob este aspecto Aguiar (2002) esclarece que:

Atualmente, vivemos um momento de efervescência no que concerne à produção de Atlas escolares, sobretudo Atlas temáticos que buscam representações em grandes e médias escalas, focando cidades e municípios brasileiros. A produção desses Atlas, na maioria das vezes, está pautada na articulação entre Universidades e Secretarias de Educação, evidenciando o interesse de professores e educadores no trabalho com representações espaciais, preenchendo, portanto, uma lacuna existente no que diz respeito à Cartografia no ensino de Geografia (p.19).

A produção de Atlas Escolares Municipais ou Estaduais é recente no Brasil. O primeiro Atlas Escolar Municipal (elaborado sob a coordenação da professora Helena Callai) foi lançado em 1994, em Ijuí, no Rio Grande do Sul. Outros exemplos desta produção são os Atlas Escolares publicados a partir da década de 90, sob a coordenação de Janine Gisele Le Sann (para os municípios mineiros de Contagem, Gouveia, São Gonçalo do Rio Preto, Santo Antonio do Itambé, Pedro Leopoldo, Brumadinho, Padre Paraíso, Lagoa da Prata, Carlos Chagas, Carbonita).

No ano 2000 e 2002, vários outros Atlas Escolares foram lançados. Alguns deles são: o Atlas coordenado pela professora Valéria T. Aguiar (para o município de Juiz de Fora - MG), o Atlas desenvolvido pela prefeitura do Rio de Janeiro (sobre a cidade do Rio de Janeiro - RJ), e os Atlas Geográfico Histórico Ambiental de Limeira - SP, Ipeúna - SP e Rio Claro - SP (todos coordenados pela professora Rosângela Doin de Almeida).

Para finalizar, destacamos que novos Atlas Escolares estão sendo construídos em diversos municípios brasileiros. Alguns elaborados por especialistas, outros por equipes de professores, geógrafos e historiadores. Como exemplo deste último, citamos o Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental para o município de Ribeirão Preto - SP (que vem sendo elaborado por membros do Grupo de Estudos da Localidade - ELO, coordenados pela professora Andréa Coelho Lastória).

LASTÓRIA, Andrea Coelho. *The school cartography and the understanding of municipal school atlases*. **DIALOGUS**. Ribeirão Preto, v.3, n.1, 2007, p.

**ABSTRACT:** This article refers about cartography in the curriculum of the Brazilian basic school, it presents different conceptions of atlas and importance of the focus of Municipal School Atlases.

**KEYWORDS:** school cartography; school atlas; geography teaching.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. T. B. Os Atlas de geografia: peso na mochila do aluno. *Revista Geografia e Ensino* (Belo Horizonte), v.6, n.1, mar. 1997, p.39-42.

\_\_\_\_\_. *Atlas: concepção histórica e metodológica*. In **Simpósio Ibero Americano de Cartografia para Criança**, 1., 2002, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Cartografia, Geoésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto, 2002, p.19.

ALMEIDA, R. D. **Atlas municipais escolares: Integrando Universidade e Escola por meio de uma pesquisa em colaboração**. Rio Claro, 2001. Tese (livre-docência em Educação) - IB, UNESP.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento de Atlas municipais escolares**. *Boletim de Geografia* (Maringá), n.2, p. 139-143, 2001a.

**BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia* – Brasília: MEC/SEF, 1998. 156P.

CAZETTA, V. **Práticas educativas, processos de mapeamento e fotografias aéreas verticais: Passagens e constituição de saberes**. Rio Claro, 2005. Tese (doutorado em Geografia) – IGCE, UNESP.

\_\_\_\_\_. *As fotografias aéreas verticais como uma possibilidade na construção de conceitos no ensino de Geografia*. **Cadernos CEDES** -

**Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa.** Campinas, p.210-217, 2003.

\_\_\_\_\_. **A aprendizagem escolar do conceito de uso do território por meio de croquis e fotografias aéreas verticais.** Rio Claro, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - IGCE, UNESP.

CAZETTA, V.; OLIVEIRA, A. R. *El uso de fotografías aéreas verticales en la enseñanza de la geografía como posibilidad para el estudio del territorio local.* In: Marrón Gaité, M. J. et. all. (org.). **La enseñanza de la geografía ante las nuevas demandas sociales.** Toledo, Espanha: Imprenta Serrano, p.399-406, 2003.

FELBEQUE, R. *Atlas escolares: uma análise das propostas teórico-metodológicas.* **Boletim de Geografia.** Maringá, n.2, p.36-41. 2001. Rio Claro, 2005. Tese (doutorado em Geografia) - IGCE, UNESP.

FERREIRA, G. M. L.; MARTINELLI, M. *Os atlas geográficos para crianças: a alfabetização de sua linguagem.* **Revista Geografia e Ensino** (Belo Horizonte), v.6, n.1, p.35-39, mar. 1997.

GONÇALVES, A. R. **Os espaços-tempos cotidianos na Geografia Escolar: do currículo oficial e do currículo praticado.** Rio Claro, 2007. Tese (doutorado em Geografia) - IGCE, UNESP.

LASTORIA, A. C.; GONÇALVES, A. R.; OLIVEIRA, A. R. *Saberes y prácticas docentes con el uso de Atlas Municipales Escolares.* In Antonio Ernesto Gómez Rodríguez; María Pilar Núñez Galiano. (orgs.). **Formar para investigar, investigar para formar en Didáctica de las Ciencias Sociales.** 1 ed. Málaga, Espanha: Asociación Universitaria del Profesorado de Didáctica de las Ciencias Sociales, 2006, v. 1, p. 245-253.

LASTÓRIA, A. C. **Aprendizagem Profissional da docência: o projeto Atlas.** São Carlos, 2003. Tese (doutorado em Educação) - CECH, UFSCar.

\_\_\_\_\_. *Cartografia Escolar: a construção de mapas a partir de fotografias aéreas de Piracicaba.* In **I Simpósio de Práticas Educativas na Educação Básica**, 2003, Piracicaba SP. A ação educativa no centro das reflexões. Piracicaba SP: UNIMEP, 2003.

- LASTÓRIA, A. C; MIZUKAMI, M. G. N. *Construção de material instrucional como ferramenta para aprendizagens docentes*. In: MIZUKAMI, M. G. N; REALI, A. M. R. (org.). **Aprendizagem Profissional da Docência: saberes, contextos e práticas**. 1 ed. São Carlos: EDUFSCAR, 2002, v.2 , p.187-207.
- LESANN, J. G. *Do lápis à internet: reflexões sobre mudanças teórico-metodológicas na elaboração de Atlas escolares municipais*. *Boletim de Geografia* (Maringá), n.2, p.130-138. 2001.
- RODRIGUEZ LESTEGÁS, F. *La elaboración del conocimiento geográfico escolar: ¿ de la ciencia geografica a la geografía que se enseña o viceversa ? Íber - didáctica de las ciencias sociales: geografía e historia* (Barcelona), n.24, abr. 2000.
- MAIO, A. C. *Formação do professor e o ensino de cartografia: velhos e novos desafios*. *Boletim de Geografia*. Maringá, n.2, p.250-259, 2001.
- MARTINELLI, M; FERREIRA, G. M. L. *A Cartografia para os atlas geográficos para crianças*. In **COLÓQUIO CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS**, 1, Rio Claro, 1995. *Anais...* Rio Claro : UNESP/USP, 1995, p.37-40.
- OLIVEIRA, A. R. **A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental**. São Carlos, 2003. Dissertação (mestrado em Educação) – CECH, UFSCar.
- OLIVEIRA, C. **Dicionário cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 645p.
- PIÑEIRO PELETEIRO, M. R; MELÓN ARIAS, M. C. *El papel del atlas en la enseñanza*. **Íber**. Barcelona, n. 13, p. 37-45, 1997.
- \_\_\_\_\_. et al. **Enseñar y Aprender el espacio geográfico**. Valencia: Nau Llibres, 1998.
- \_\_\_\_\_. MELÓN ARIAS, M.C. *La lectura del mapa del atlas en el 3º. Ciclo de E. Primaria*. In: PÉREZ, R. (coord.) **Educación y tecnologías de la Educación**. Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad, 1998, p. 313-318.
- \_\_\_\_\_. *El razonamiento espacial a través de los mapas del atlas*. In: TONDA MONLLOR & MULA FRANCO (edits.) **Scripta in Memoriam**.

- Homenaje al Profesor Jesús Rafael de Vera Ferre. Alicante: Universidad de Alicante, 2001, p.329-337.
- \_\_\_\_\_. *La problemática del razonamiento espacial a través del mapa. Didáctica Geográfica*. Madrid, 2ª. época, n. 5, p.103-117. 2002.
- SILVA, M. A. B. *O Atlas escolar municipal de Sena Madureira – AC. Boletim de Geografia*. Maringá, n.2, p.151-156. 2001.
- SIMIELLI, M. E. R. *Cartografia no ensino fundamental e médio*. In: CARLOS, A. F. A. (org.) *A Geografia na sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.92-108.
- \_\_\_\_\_. *Primeiros Mapas - Como Entender e Construir*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 8 vol. 320 p.

